

**RESGATE DE OFÍCIO, FORMAÇÃO DE MÃO-DE-OBRA E  
PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL**

Fabiano Gomes da Silva<sup>1</sup>  
Daniel Precioso<sup>1</sup>  
José Aurélio Medeiros da Luz<sup>1</sup>  
Carlos Alberto Pereira<sup>1</sup>

**RESUMO**

A Oficina de Cantaria de Ouro Preto tem no decorrer dos últimos cinco anos resgatando o conjunto de saberes e técnicas que compunha a milenar arte da cantaria em terras mineiras no período colonial, conhecimentos perdidos no avançar do século XX e só recentemente retomados por homens como José Raimundo Pereira, o Seu Juca, uns dos últimos oficiais canteiros do Estado de Minas Gerais. Surgida nessa conjuntura, a Oficina traçou como estratégias a pesquisa histórica e de materiais, a formação de novos trabalhadores habilitados e a preservação patrimonial direcionada para os trabalhos de educação patrimonial. Trazendo para o seu interior, pesquisadores das mais diversas áreas, como engenheiros, historiadores, educadores, especialistas e artistas. Entretanto, no momento nos deteremos ao resgate e formação de mão-de-obra capacitada para atuar na restauração de obras em cantaria através das aulas ministradas na Oficina. Dentre os resultados obtidos pelo projeto, destacamos a formação de quatro novos canteiros, que continuam a praticar suas habilidades, bem como a atuação da Oficina na restauração de peças de cantaria da cidade. Destaca-se, ainda, a publicação do livro “A arte de Cantaria”, divulgação dessa arte através de oficinas realizadas nas cidades de Belo Horizonte, Diamantina, Juiz de Fora, Uberaba e Ouro Preto.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP

## INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

Ouro Preto, antiga Vila Rica, foi a primeira cidade brasileira a ser agraciada com o título de patrimônio histórico e cultural da humanidade pela UNESCO, em 1980. Atualmente, a cidade recebe rotineiramente grande contingente de turistas das mais variadas procedências, atraídos, dentre outros motivos, pelas características paisagísticas que compõem o improvisado núcleo urbano colonial. As vielas, chafarizes, capelas e casarões seculares aliados ao verde das montanhas parecem compor o cenário bucólico no qual Dirceu idealizava suas líras para sua amada Marília. O clima frio e cinzento ainda guarda o tom exaltado em que se deflagraram os inúmeros motins, revoltas e rebeliões mineiras coloniais. No entanto, o tempo e o clima que tanto atrai, aguça a imaginação e palpita lembranças, também as fazem perecer.

Nessa paisagem que o tempo devora, destacamos o acervo de construções em rocha, obras que geralmente nos surpreende e encanta pela precisão de suas técnicas construtivas e profusão decorativa. Acervo que tem sofrido toda série de agressões seja por turistas ou moradores, mas, igualmente importante é o trabalho de restauração e conservação que, muitas vezes, conduzido por profissionais leigos, acaba usando materiais estranhos ao conjunto restaurado, descaracterizando-o. Por isso, o estudo das técnicas e saberes que nortearam o fazer dos canteiros e pedreiros no trato com a rocha no período colonial se faz importante, bem como a formação de equipes de trabalho e as ações de preservação patrimonial.

A cantaria poderia ser entendida como o conjunto de conhecimentos e técnicas utilizados para trabalhar a rocha, ao tempo que canteiro é aquele que executa essa técnica. A cantaria é um dos muitos ofícios tradicionais cujas técnicas e métodos de trabalho se encontram em processo de desaparecimento na atualidade, particularmente diante das modernas e eficientes formas da produção mecanizada e em série. Baseada no trabalho manual dos seus mestres e oficiais, essa arte milenar consistia no aparelhamento, desbaste e entalhamento das rochas para esculturas, objetos de uso cotidiano e construções.

Já no início da colonização a cantaria foi utilizada em construções na cidade de Salvador, após a chegada do governador Tomé

de Souza, em 1549. O Governador Geral preocupado em estabelecer a presença portuguesa na Colônia e romper com o padrão de povoamento baseado em feitorias ao longo do litoral traz juntamente com a sua comitiva o mestre em pedraria Luís Dias, que executara em Salvador fortes, residências e a primeira Casa de Câmara e Cadeia, símbolo máximo da presença da Coroa nas distantes terras ultramarinas(ANDRADE, 1958, 7-11).

Durante os séculos XVI e XVII outros mestres construtores portugueses vieram para atuar nos poucos núcleos urbanos costeiros então existentes, em construções militares, religiosas e civis. A maioria dos projetos era feita em Portugal, com suas plantas e *condições*. Até a *Lioz* e a *Ancã*, rochas típicas de Portugal, eram cortadas, numeradas e colocadas como lastro nos navios que saíam da metrópole rumo à Colônia(JÚNIOR, 1965, 216; MELLO, 1983).

A importação de materiais construtivos da Metrópole, pelos núcleos urbanos do litoral, atravessou séculos a fio, chegando ao século XVIII. Os motivos da importação poderiam ser pela falta de trabalhadores qualificados, questões estéticas vinculadas ao tipo de rocha e a ausências de materiais lapidares nas localidades. Claro que em algumas situações esses motivos vinham acompanhados de intervenções metropolitanas, como foi o caso da solicitação dos vereadores da Câmara do Rio de Janeiro para a construção de um chafariz na cidade, em 1744, recebendo dos conselheiros do Rei a autorizavam para a dita obra, mas que ficasse sob a superintendência do Governador e “*que deste Reino deve ir lavrada a pedraria das duas fontes e das bicas dos registros, por não haver no Rio de Janeiro oficiais com bastante perícia, nem pedra suficiente para esta obra se fazer com a devida perfeição*”(AHU/RJ/AVULSOS, cx. 42, doc. 44 *Apud* BICALHO, 1997, 416-17).

Já no interior da América Portuguesa, na região das Minas, as péssimas condições das vias que ligava o litoral ao interior acabaram impossibilitando, sobremaneira, o transporte da rocha portuguesa para as nascentes vilas mineiras, as quais, diante dos empecilhos, apelaram para o uso da matéria-prima local, como quartzito, quartzo-clorita-xisto e esteatito (pedra-sabão), vindo a desenvolver todo um conjunto de maneiras e práticas de como se deveria trabalhá-las.(SILVA, 2004)

A cantaria em Minas Gerais pode ser sentida em quase todas as cidades antigas, com destaque para Ouro Preto (antiga Vila Rica), Mariana, Congonhas do Campo e São João Del Rei. A rocha acabou sendo um material com diversificada utilização, servindo para confecção de utensílios domésticos (panelas e tigelas), canaletes para conduzir água (arcabuzes), murros, mundéis no serviço de mineração, esculturas e edificações dos mais diversos tipos como capelas, igrejas, residências, palácios, pelourinhos, chafarizes, pontes e calçamentos. A utilização da rocha na arquitetura, em maior volume, ocorreu a partir de 1750, quando muitas irmandades reformaram seus templos, incluindo o uso da rocha na decoração dos frontispícios, nas portadas, medalhões e em ornatos. O que não significa que não fosse usada antes dessa data. Basta lembrarmos da construção de obras como o Palácio dos Governadores no avançar de 1740, em Vila Rica, bem como das ruínas de construções particulares anteriores a esse período.

Técnica tradicional portuguesa, a cantaria teve inicialmente um predomínio dos mestres e oficiais de obras portugueses, particularmente atraídos pela atividade mineradora e os altos *jornais* (diárias) pagos nas obras locais. Contudo, a formação de uma economia essencialmente escravista e a miscigenação da população ampliou a participação dos escravos e mulatos junto às equipes de trabalho dos construtores. Criando um ambiente de trabalho complexo e dinâmico capaz de reproduzir, adaptar, criar e mesclar conhecimentos e técnicas de origens diversas, além de oferecer condições peculiares para o desenvolvimento escultural e ornamental do Barroco e Rococó na segunda metade do século XVIII em Vila Rica.

Contudo, a partir de meados do século XIX, com a diminuição das demandas construtivas pelas irmandades e associações religiosas e a perda da pujança econômica dos núcleos urbanos coloniais, a prática da cantaria se dispersou. Acredita-se, ainda, que a substituição da rocha por outros materiais construtivos e a perda da prática no trato com esse material, em parte, pode ser atribuída às mudanças estilísticas, o que provavelmente concorreu para a configuração de um processo de decadência da cantaria em Minas Gerais (SILVA, 2003).

Os efeitos da perda dessa prática foram sentidos a partir do terceiro decênio do século passado, quando por intermédio de uma política preservacionista, levada a cabo pelo antigo SPHAN – Serviço

Proteção Histórico e Artístico Nacional — proposta que incluía o inventariamento, tombamento e restauro de um conjunto de monumentos do Barroco Mineiro—, constatou-se a necessidade da cantaria como técnica de restauro, visto que grande parte do patrimônio edificado em Ouro Preto possuía algum tipo de rocha lapidar na sua composição, estrutural e ornamental. E o que se viu no avançar do século, foram intervenções questionáveis que descaracterizaram os monumentos, chegando em alguns casos à acrescentar ornamentos via uso do cimento misturado com o pó de rochas.

Somente na década de 80, José Raimundo Pereira, o *Seu Juca*, mestre de obras, encarregado de restaurar uma cruz da Ponte do Pilar, em Ouro Preto, experimenta dos artificios da cantaria. A idéia de restaurar o monumento com a pedra da região em oposição ao uso do cimento, levou o trabalhador a praticar o ofício. Uma iniciativa audaciosa, já que o único contato com a arte tinha acontecido quando andava trabalhando como servente na reforma do Museu da Inconfidência em 1939. Desde então, passou a trabalhar em obras de manutenção e restauração de inúmeros monumentos da cidade, contribuindo de forma ativa na sua preservação.

Visando a preservação do ofício de canteiro, desde o final da década de 1990, vêm-se buscando, primeiro através da Fundação de Arte de Ouro Preto e atualmente pela Universidade Federal de Ouro Preto, mecanismos para a formação de oficiais e mestres em cantaria. Funcionando no Campus Universitário da UFOP, há cinco anos a Oficina de Cantaria, cujas aulas são ministradas pelo mestre canteiro *Seu Juca*, atua diretamente na formação de mão-de-obra qualificada, a fim de atender às obras de restauração em Ouro Preto e demais cidades históricas mineiras. O projeto faz parte do Programa Integrado de Defesa do Patrimônio Cultural, criado pela Pró-Reitoria de Extensão da UFOP, que engloba 76 iniciativas relacionadas à Educação Patrimonial e Ambiental, Folclore e Cultura Popular, Educação Continuada, Planejamento Urbano, Conservação e Restauração de Monumentos, Recuperação de Acervos Documentais, Fotográficos e Bibliográficos, dentre outros.

Nesse sentido, um dos objetivos da Oficina de Cantaria é proporcionar um espaço de resgate das técnicas de cantaria para atender

as necessidades de manutenção e restauro dos monumentos de cantaria, principalmente pela capacitação de pedreiros, serventes, artesãos e outros na prática milenar dessa arte. Entretanto, acreditamos que restauração, conservação e preservação são processos intercambiáveis e se não concomitantes, por isso procuramos combinar com o trabalho de resgate e formação de mão-de-obra especializada, ações que visam a sensibilização e envolvimento da comunidade, especialmente as crianças.

## **METODOLOGIA**

Para satisfazer os nossos objetivos iniciais, tivemos que montar um curso de formação de oficiais canteiros, subsidiado por pesquisas históricas e de materiais de profissionais das mais diversas áreas do conhecimento — tivemos a participação de geólogos, engenheiros de minas e civil, biólogos, historiadores, educadores—. O que possibilitou disponibilizar saberes sobre o ofício e as ferramentas usadas ontem e hoje, dos recursos pétreos utilizados nos monumentos, além do estudo de novas técnicas de desmonte de rochas para os futuros oficiais.

O curso extensivo de formação de canteiros é ministrado pelo *Seu Juca* e possui a duração de dois anos, sendo destinado a profissionais de setores correlatos à cantaria e a interessados em geral. O curso é gratuito, comportando turmas de até quinze alunos. Como fomento e incentivo à manutenção dos aprendizes que ingressaram no curso, a Oficina fornece, aos mais assíduos, refeições aos sábados, vale transporte e 50% do valor da venda de peças por eles produzidas.

Na formação dos novos oficiais também é privilegiada a transmissão de conteúdos técnicos não apenas de forma prática, mas também teórica – aulas expositivas de conteúdos gerais que vão desde instruções técnicas de higiene e segurança no trabalho, equipamentos de segurança (EPI's, organização do canteiro de obras, organização do canteiro aplicada a obras de restauração, proteção, cuidados no manuseio de materiais) uso e transporte em demolições, em escavações/fundações, andaimes e plataformas e instalações elétricas provisórias até noções sobre história da arte, arquitetura, desenho técnico-artístico, noções básicas de matemática, conservação de acervo em pedra, preservação e restauração de núcleos históricos em geral, são

ministradas trazendo ao conhecimento dos alunos teorias conceituais, leis, cartas, recomendações e projetos em andamento a respeito do patrimônio histórico. Com relação às obras do acervo histórico, as instruções dadas referem-se a escoramentos e proteções, pormenorizadas por intermédio de um acompanhamento documental: fotografias e registros em diários de obras.

Em seguida, partimos para os conhecimentos mais específicos, como sobre rochas. Passando da origem e classificação, apontando as rochas encontradas no Brasil e na região, explicando suas propriedades físicas e mecânicas, os diferentes modos de suas utilizações, as ações que a deterioram e a identificação das patologias, esfolheações e alterações cromáticas.

Ainda no âmbito teórico há uma preocupação em passar aos alunos explicações sobre o diagnóstico, mapeamento das patologias, testes e ensaios—reconhecimento de sais, porosidade e densidade, para que haja uma caracterização dos materiais construtivos e do meio ambiente. Também sobre métodos de tratamento, limpeza da cantaria, limpeza com água (pulverização e jateamento à baixa pressão, mecânica – ferramentas e equipamentos, química), produtos, solventes e suas proporções são igualmente ensinadas no curso. Além disso, os aprendizes são instruídos quanto ao orçamento básico do custo com materiais, ferramentas e mão-de-obra.

Na etapa final do curso, os futuros canteiros realizam um estágio obrigatório que visa o aprimoramento da arte da cantaria em ações de conservação, preservação e restauração de acervos existente na cidade. É válido ressaltar que aos alunos da Oficina não é vedado o exercício criativo na produção de peças pautado em perspectivas mais contemporânea da arte. Por fim, o término do curso não implica num desligamento dos canteiros formados da Oficina, ao passo que esta busca auxiliar esses novos profissionais no trabalho de divulgação de suas habilidades e de seus produtos em eventos nas mais diversas cidades mineiras como Ouro Preto, Belo Horizonte, Uberaba, Uberlândia, Juiz de Fora e Diamantina, quase sempre contando com o apoio da UFOP, SEBRAE e IPHAN.

Juntamente com o curso desenvolvemos atividades ligadas a área de Educação Patrimonial nas escolas da cidade, visando envolver e

sensibilizar a comunidade na conservação e preservação dos monumentos. Buscamos levar os professores e os alunos para o espaço de trabalho dos canteiros, mostrando-lhes as complexidades que cercam o tradicional fazer manual, bem como as diferenças desse para as modernas formas de trabalhos. Nas atividades com essa parcela da população trabalhamos com conhecimentos sobre a cantaria mineira que permitam a eles re-apropriarem sob novo olhar os bens e monumentos de sua comunidade (SILVA, 2004, 121-128).

## RESULTADO E DISCUSSÃO

O Projeto Oficina de Cantaria iniciou suas atividades em agosto de 2000. Nestes cinco anos de existência, o projeto trabalhou com um grupo de 21 alunos, composto por moças e rapazes da comunidade de Ouro Preto e região. Contudo, muitos dos alunos se desligaram do curso por motivos que muitas vezes extrapolaram o âmbito da Oficina: a falta de apoio financeiro consistente, a impossibilidade de conciliar atividades secundárias à profissão exercida e, até mesmo, a impaciência frente ao aprendizado do ofício de canteiro, foram razões apresentadas como justificativas para a desistência do curso. Como nos lembra o mestre Juca: *aprender qualquer ofício requer a calma e a disciplina, a arte da cantaria se dá de forma lenta, é preciso insistir até atingir a perfeição de uma peça de pedra*. Mas nem todos estão dispostos a adaptarem ao ritmo que a arte manual exige.

No decorrer de dois anos de curso (1500 horas), o programa formou uma turma em maio de 2003, composta de quatro alunos: três pedreiros e um artesão. Na perspectiva destes alunos capacitados para atuar como oficiais canteiros, a oficina pôde oferecer novas oportunidades de trabalho e renda na região.

É o caso do artesão Edniz José Reis, um dos alunos formados na Oficina de Cantaria de Ouro Preto e que atualmente possui uma oficina de cantaria no distrito de Passagem na cidade de Mariana, onde trabalha com um ex-aluno da oficina, Ronaldo, e um ajudante, fazendo da arte sua profissão e contribuindo na formação de novos oficiais. Parece que o fato de já ter alguma experiência em atividades como artesanato, ajudaram ao oficial canteiro Edniz a perceber oportunidades de atuação fora do circuito de restaurações e conservações de



monumentos, diversificando sua atuação para a confecção de peças de ornamentação para particulares.

Já em relação aos outros três alunos, destaca-se o fato de serem da área construtiva, o que os aproximam mais do trabalho em restaurações em estruturas. As habilidades no trato com a rocha acabam complementando o trabalho de pedreiro nas suas intervenções em residências particulares ou públicas que contenham elementos de cantaria.

Um bom exemplo é o caso de Francisco Bárbara de Oliveira, pedreiro, 43 anos, natural de Diogo, distrito de Piranga, Estado de Minas Gerais. O Francisco, apelidado de Chico, trabalhou na restauração da cantaria da ponte de Marília durante cinco meses (dezembro de 2001 a abril de 2002), trabalhou na restauração da ponte do Pilar e auxiliou na restauração da cruz do cemitério da Igreja de São Francisco de Paula, na restauração da cantaria no Museu da Inconfidência em maio 2005 e atualmente está fazendo a restauração da cantaria da Estação da cidade de Itabirito. De sua produção destacam-se a bacia de quartzito que está em exposição no Museu de Ciência e Técnica na Escola de Minas, a pinha e a lanterna japonesa, exposta pelo Sebrae em dezembro de 2003.

Para fins de ilustração dos resultados obtidos, os dois pedreiros restantes que formaram na Oficina de Cantaria de Ouro Preto são:

**Celso de Souza Amarante Junior** – 22 anos, natural do Rio de Janeiro. Duas obras, um leão e uma pia, de sua autoria, enquanto esteve vinculado à Oficina, foram adquiridas por uma requintada pousada da cidade. Também trabalhou na restauração das pontes de Marília de Dirceu e do Pilar. Buscando ampliar os seus conhecimentos na área entrou no curso Técnico Edificações na Escola Técnica Federal de Ouro Preto, tendo se formado ano em 2004.

**Sérgio Romão Pereira** - Pedreiro, natural da Chapada, distrito de Ouro Preto, continua trabalhando com a cantaria nos distritos. Dentre as obras da Oficina de sua autoria, destacam-se uma carranca e um chafariz construído na Chapada.

Ao êxito obtido na formação desse pequeno mais expressivo conjunto de oficiais em cantaria nos abre significativas possibilidades, principalmente no nosso objetivo de resgatar e preservar esse repertório

de práticas e saberes sobre a cantaria. Disponibilizando esses oficiais para o trabalho de restauro e conservação nos monumentos em Minas Gerais, como já fizeram nas restaurações da cruz do Chafariz do Rosário, Ponte do Pilar, restauração da bacia/pia batismal da Igreja de Botafogo, Ponte de Marília, Cruzeiro de Lavras Novas e Museu da Inconfidência, só para listar algumas obras coloniais que passaram pelas mãos desses novos canteiros.

Já o trabalho de sensibilização com os professores e crianças acabou levando a Oficina a propor a criação de um curso de cantaria para crianças acima de dez anos de idade, principalmente pelo súbito interesse delas pelo ofício. Buscando combinar a vida escolar e as atividades desenvolvidas por essas crianças na oficina, passamos a oferecer, também, aulas de reforços de português, história, matemática, geometria para crianças, desenho e informática. O que ajuda no rendimento na escola e fomenta novas percepções da própria realidade em que essas crianças estão inseridas.

## CONCLUSÃO

A atuação da Oficina de Cantaria tem sido de suma importância para a comunidade local em virtude da formação de mão-de-obra capacitada para o trabalho de preservação, conservação e restauração do conjunto de *obras* que possuem cantaria, em Ouro Preto e região. A formação da primeira turma de oficiais canteiros nos permite ainda atuar na re-qualificação de trabalhadores, oferecendo-lhes novas oportunidades de geração de emprego e renda.

E por último, achamos que o interesse de jovens e crianças pela arte da cantaria aponta para um futuro promissor, não só na formação de novos canteiros, mas nas opções que a relação escola-oficina pode oferecer aos professores na suas aulas, seja de história regional, história da arte ou de matemática e geometria. Propiciando a eles novas apropriações dos monumentos que lhes forma legados.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, R. de M. F. **Artistas Coloniais**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional/Ministério da Educação e Cultura, 1958.
- ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO, RJ, AVULSOS, cx. 42, doc. 44 *apud* BICALHO, M. F. B. **A Cidade e o Império: o Rio de Janeiro na dinâmica colonial Portuguesa. Séculos XVII e XVIII**. Tese (Doutorado em História) — Departamento de História da FFLCH-USP, São Paulo, 1997. pp.416-17(notas).
- BAZIN, G. Arquitetos, artesãos e operários. In: **A arquitetura religiosa barroca no Brasil** (trad. Glória Lúcia Nunes), Rio de Janeiro: editora Record, 1956.
- BORGES, C. Patrimônio e memória social: a formação da política de preservação de bens históricos no Brasil e a construção do imaginário coletivo. **Locus: revista de História**, Juiz de Fora, vol.5, n.2, p. 113-125, 1999.
- LEMOES, C. A C. **O que é patrimônio histórico**, São Paulo: editora brasiliense, 1982.
- MELLO, Suzy de. **Barroco Mineiro**, São Paulo: editora brasiliense, 1985.
- PAIXÃO, M. A. O trabalho do artesão em Vila Rica. **Revista de História da UFMG**, Belo Horizonte, 1 (2), p. 78-85, 1986.
- SILVA, F. G. *et al.* Educação Patrimonial: revisitando Ouro Preto através da cantaria. In. CORRÊA, Edison José *et al.* **(Re)conhecer diferenças, construir resultado**. Brasília: UNESCO, 2004. pp.121-128.
- SILVA, F. G. CONSTRUTORES MINEIROS: os canteiros de Vila Rica no século XVIII. In: **ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA**, 14: 2004, jul: Juiz de Fora(MG). [*Anais Eletrônicos...*] Juiz de Fora: ANPUH(MG), 2004. CD-ROM
- VASCONCELOS, S. de. **Vila Rica: formação e desenvolvimento - residências**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

VASCONCELOS, S. de. **Arquitetura no Brasil: sistemas construtivos**. Belo Horizonte: UFMG, 1979.

VILLELA, C. M. **Critérios para seleção de rochas na restauração da cantaria**. Ouro Preto-MG, Dissertação (Mestrado em Engenharia de Materiais da UFOP), Escola de Minas/UFOP, 2003.